

# O refúgio e a questão de gênero: uma reflexão para o debate

LUANA AYALA E YASMIN PAES



## INTRODUÇÃO

A atual crise migratória tem captado cada vez mais a atenção no cenário internacional devido aos grandes fluxos migratórios que vem sendo registrados no Mar Mediterrâneo. Destacando aqueles provenientes da África do Norte e adjacências e do caldeirão de conflitos no Oriente Médio – notadamente aqueles afetados pela guerra civil na Síria e pela constante ameaça da expansão do autoproclamado Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EI) – nos dias correntes milhares de pessoas se arriscam em uma jornada que possui um destino certo, mas não garantido, buscando a estabilidade em uma vida na Europa, mais especificamente naqueles países pertencentes à União Europeia como Alemanha e Suécia.

Por todo o globo, observamos a existência de diversos fluxos migratórios e nota-se que muitas das razões para estes deslocamentos estão relacionadas ao desejo de uma vida mais próspera fora do país que habitam ou de sua nacionalidade. No entanto, os protagonistas da atual crise migratória possuem peculiaridades e objetivos diferentes daqueles que migram por opção e por razões particulares – que não se caracterizam como uma migração forçada. Dessa maneira, a maior parte desses grupos de migrantes em foco se enquadra em uma definição específica: a de refugiados.

Em julho de 1951 a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugia-

dos definiu o conceito de refugiado aplicado na atualidade como sendo aquela pessoa que:

“[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.”<sup>1</sup>

Logo, refugiados são aqueles que não têm outra opção para a garantia de sua sobrevivência a não ser migrarem de seu país de origem ou de residência, dado o temor de serem perseguidos ou pela falta de segurança que este país os proporciona. A gravidade da situação atual preocupa, pois, pessoas das mais diversas etnias, nacionalidades, religiões, idades e gêneros estão expostas a uma jornada difícil, além de se submeterem a uma vida de vigília, posto que a segurança que não era garantida nos seus países de origem (ou de par-

1 CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS DE PLENIPOTENCIÁRIOS SOBRE O ESTATUTO DOS REFUGIADOS E APÁTRIDAS, 1951, Genebra. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Genebra: Série Tratados da ONU, 1951. 21 p. Disponível em:

tida), muitas vezes também não é garantida nos países de sua passagem nem nos de sua chegada.

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)<sup>2</sup> estima-se que 59,5 milhões de pessoas no mundo se deslocaram ou foram forçadas a isso por motivos de guerra e nos chama a atenção um grupo importante no apanhado geral de refugiados: as mulheres, que figuram como em torno de metade de toda a população refugiada do mundo.

Assim, esbarramos em uma questão de-veras importante para se analisar no contexto da atual crise migratória: a questão de gênero. Este conceito não diz respeito somente às mulheres, mas sim a ambos os sexos, o que nos leva a definir o conceito de gênero como aquele referente:

“às diferenças sociais entre homens e mulheres durante o ciclo da vida que são incorporadas, e ainda que estejam profundamente enraizadas em cada cultura, são mutáveis ao longo do tempo e têm ampla variações, tanto dentro de culturas como entre elas. O ‘gênero’ determina os papéis, os poderes e os recursos concernentes a mulheres e homens em qualquer cultura.”<sup>3</sup>

Dentro de tal perspectiva, faz-se necessário, portanto, analisar as relações entre movimentos migratórios e questões de gênero e sexualidade, já que as decisões de migrar podem ser afetadas de maneiras diversas para homens, mulheres, crianças e diferentes grupos. Assim como as próprias políticas de integração ou reintegração na sociedade devem ser pensadas de maneiras diferentes.

Dessa forma, a questão de gênero que trataremos terá como foco não só a situação das mulheres refugiadas, como também a da população refugiada LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais<sup>4</sup>). Assim, de maneira a ga-

rantir igualdade no tratamento destinado ao contingente de refugiados, argumentamos que se precisa compreender que estes grupos possuem necessidades específicas que necessitam ser atendidas, encarando-os como grupos vulneráveis e que já foram muito marginalizados por políticas de assistência aos refugiados.

No tocante a esses indivíduos, deve-se notar que estes vivenciam situações de risco em todo momento, principalmente quando se encontram na situação de refugiados. É de suma importância destrinchar o perfil dessas pessoas, suas vivências sob o status de refugiadas, as diferenças de gênero no que concerne ao tratamento dos refugiados, os progressos e as mudanças feitas pelas agências especializadas em refugiados, notadamente o ACNUR. Tentaremos apresentar alguns retratos das vivências e sofrimentos destas pessoas. Este sofrimento é dificilmente traduzido em palavras, pois uma reportagem revela pouco da realidade, no entanto, tentaremos expor fatos que aproximam o leitor minimamente das experiências que esses grupos de refugiados passam.

## MULHERES REFUGIADAS, SINÔNIMO DE FORÇA

Retomando Euclides da Cunha em “Os Sertões”<sup>5</sup> podemos dizer que as mulheres refugiadas são, antes de tudo, fortes. Em primeiro lugar, elas tiveram que migrar forçadamente de seus países de origem, deixando sua história para trás, sozinhas ou com seus maridos e filhos, a fim de recomeçar. Muitas tiveram que usar as economias da família e precisaram trabalhar dobrado para conseguirem pagar uma viagem insegura. Já bastando os traumas iniciais – físicos, psicológicos, sociais e ainda o temor pelas suas vidas durante a jornada – muitas vezes se encontram como únicas provedoras do sustento de seus filhos e a garantia da dignidade da família.

Assim, ao chegar ao seu destino, elas enfrentam problemas dos mais variados, conforme

---

Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais, que são orientações sexuais e identidades de gênero, na qual se têm uma escolha ou identificação diferente do sexo de nascimento.

5 CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Fundação Nacional do Livro, 1901.

2 ACNUR. Deslocamento forçado nos últimos 25 anos (em milhões de pessoas). Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

3 INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE. Women, Girls, Boys and men different needs – equal opportunities. 2006.

4 É a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais,

observamos ao ler o relatório do ACNUR em parceria com professores da University of New South Wales, em Sidney, Austrália: “Survivors, Protectors, Providers: Refugee Women Speak Out”<sup>6</sup>. Este relatório reúne relatos de em torno de mil refugiadas, solicitantes de asilo e deslocadas internas participantes dos “Diálogos Regionais com Mulheres e Meninas” realizados entre novembro de 2010 e maio de 2011. É louvável o esforço das participantes dos diálogos, mulheres e meninas, ao encontrar forças para falar de suas experiências traumáticas e seus anseios por mudança. O objetivo do relatório é ouvir essas mulheres e providenciar medidas para sanar seus problemas mais urgentes. Assim, o documento apresenta dez principais áreas de proteção para as mulheres refugiadas que são: documentação individual, mulheres na liderança, educação, autossuficiência econômica, abrigo, violência sexual e baseada em gênero, outras formas de violência, saúde, materiais sanitários e questões legais.

Todas as áreas tratadas no relatório têm alto teor de urgência no que tange às mulheres refugiadas, entretanto, a área de violência sexual e baseada em gênero tem destaque aos temas abordados neste texto uma vez que este tipo de violência específica traumatiza a vida dessas mulheres e meninas por um período indeterminado de tempo e tem como característica a deliberada misoginia.

Esta situação, portanto, é a grande preocupação em relação às mulheres refugiadas, já que: “o deslocamento forçado, pobreza extrema, quebra das estruturas familiares e preconceito cultural criam as condições nas quais a SGBV [violência sexual e baseada em gênero], de forma rápida e descontrolada, torna-se crescente”<sup>7</sup>. Dessa maneira, as mulheres são um

grupo especialmente vulnerável e sofrem deste tipo de violência em suas mais diversas formas: estupro, abuso sexual, exploração e abuso nos ambientes de trabalho e em escolas, “estupro corretivo” para lésbicas e violência doméstica.

Não há lugar seguro para as mulheres circularem, nem em suas próprias casas – como se observa na análise do relatório sobre a questão do abrigo para as refugiadas, uma vez que muitas não possuem portas e fechaduras para se manterem seguras – nem nas ruas e quaisquer espaços públicos, como parques e mercados, por exemplo. Os campos de refugiados são outro local propício à violência sexual e com base em gênero, visto que, segundo o relatório, os estupradores podem ser desde os próprios refugiados até as autoridades e funcionários dos campos. Além disso, potenciais estupradores também podem ser encontrados entre a comunidade local, como pode-se perceber a partir da leitura do relatório. Países africanos e do Oriente Médio que recebem refugiados estão mais propensos a essas ocorrências. Assim, delinea-se um ambiente completamente inseguro para essas mulheres e meninas que temem pela sua vida constantemente.

A violência sexual e com base em gênero afeta essas mulheres física, psicológica e socialmente. O aspecto social é muito prejudicado, uma vez que, segundo o relatório, muitas vezes elas são submetidas à humilhação ao serem rechaçadas pela própria comunidade em situações de abuso sexual, como também aponta o relatório. Isso dá margem a outro tipo de violência a que elas estão expostas: o sexo de sobrevivência. O desespero e a humilhação são tão grandes que essas mulheres não possuem outra alternativa a não ser venderem seus corpos para sustentarem suas famílias e assim entram para a prostituição.

Um dos relatos tem singular impacto devido à sua simplicidade:

“Quando uma mulher deslocada chega em uma cidade, ela tem três alternativas: prostituição, mendicância ou fome. Qual dessas você vai escolher?”<sup>8</sup> Através desta pequena indagação, reconhecemos que a situação da mulher

6 UNHCR. Survivors, Protectors, Providers: Refugee Women Speak Out. Luxembourg: Imprimerie Centrale S.A., 2011.

7 ACNUR. Discurso do Alto Comissário António Guterres ao Comitê Executivo do ACNUR: 59ª Sessão do Comitê Executivo do Programa do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). 2008. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/Discursos/abertura\\_alto\\_59\\_excom.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/Discursos/abertura_alto_59_excom.pdf?view=1)>. Acesso em: 6 ago. 2008.

8 UNHCR. Survivors, Protectors, Providers: Refugee Women Speak Out. Luxembourg: Imprimerie Centrale S.A., 2011.

refugiada, em muitos casos, é tão grave a ponto de o status de refúgio roubar sua dignidade.

Como explicitado na introdução, a atual crise migratória tem criado refugiados de áreas específicas, especialmente aquelas afetadas pela crise síria. Assim, passamos à exposição da vida dessas mulheres: as refugiadas sírias que lutam com todos os seus recursos para manter a integridade de suas famílias.

## REFUGIADAS SÍRIAS: HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA

Segundo dados do ACNUR no relatório “Women Alone: The fight for survival by Syria’s refugee women”<sup>9</sup>, nos últimos três anos, 2,8 milhões de pessoas tiveram que fugir da guerra na Síria, sendo que a maioria esmagadora é de mulheres e crianças. A maior parte destas mulheres era sustentada pelo homem da família, mas agora elas enfrentam uma realidade diferente.

O relatório mostra a transformação abrupta que ocorreu na vida destas mulheres, que com a ausência de seus maridos, tornam-se chefes da família e, assim – dadas as adversidades enfrentadas na Síria – decidem migrar para outro país. Mulheres que antes eram impedidas de andar desacompanhadas se colocam na posição de provedoras de suas famílias de forma forçada e imprevista.

Como apontado no relatório, essas mulheres têm grandes problemas para encontrar uma moradia e mudam-se constantemente. Os donos das propriedades recorrentemente impedem a estadia de mulheres sem homens, pois acreditam que terão dificuldades em pagar o aluguel. Logo, as moradias que encontram estão usualmente em condições muito precárias e são inseguras.

Por serem mulheres vivendo sem uma figura masculina na casa, elas estão permanentemente com medo e algumas tentam esconder o fato, pois sentem-se muito vulneráveis. A grande preocupação, como foi anteriormente exposto, é a violência sexual, principalmente em casas em condições precárias e inseguras. O relatório apre-

senta relatos de várias mulheres que admitem o abuso por parte do dono da propriedade e ainda a exploração a que estavam sujeitas: alguns ofereciam moradia e comida em troca de favores sexuais.

Ao buscar trabalho, as mulheres também sofrem discriminação de gênero. Primeiramente, porque a maioria delas nunca trabalhou na vida, ademais, em muitos dos países de destino mais próximos da Síria, como o Líbano e a Jordânia, por exemplo, mulheres que trabalham não são bem vistas socialmente. Nestas sociedades é de consideração geral que os homens são mais aptos para a maior parte dos trabalhos. A solução é trabalhar no setor informal, como domésticas, cozinheiras, costureiras, entre outras ocupações. Como consequência, o trabalho infantil e o sexo de sobrevivência são mecanismos aos quais as mesmas recorrem com frequência, principalmente por mulheres chefes de família, pois tornam-se mais vulneráveis a eles pelas constantes dificuldades financeiras e a urgência por uma fonte de renda, mesmo que instável.

Além disso, nos países de destino, muitas também sofrem pelo isolamento, dada a falta de familiaridade com o lugar onde estão e dificuldades de comunicação, o que faz com que algumas se mantenham reclusas em casa. A preocupação com os filhos também é muito grande, pois elas têm medo de que sofram agressão ou violência sexual e preocupam-se com o amadurecimento rápido deles, já que passaram por muitas situações traumáticas e de grande exigência psicológica.

De acordo com as mulheres entrevistadas pelo relatório, a maioria delas indica a troca de papel para chefe da casa como demasiado negativa, já que assumir novas responsabilidades aumenta o estresse do refúgio. Agora elas são responsáveis por cuidar das crianças, da casa e também do sustento financeiro.

Outrossim, os países que recebem estes refugiados também estão sofrendo com problemas de recursos e infraestrutura devido à grande leva de migrantes forçados que recebem, principalmente aqueles países nas adjacências da Síria, como Turquia, Líbano e Jordânia, fazendo com que os refugiados enfrentem uma situação de tensão no país em que se encontram, por vezes passando por situações de xenofobia.

Compreendemos que não podemos

9 UNHCR. Woman Alone: The fight for survival by Syria’s refugee women. Disponível em: <<http://www.refworld.org/pdfid/53be84aa4.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2014.



comparar sofrimentos, o caso das mulheres sírias é apenas um dos cacos que a crise migratória deixou pelo mundo, existindo ainda, milhares de famílias estilhaçadas pelos conflitos que as obrigam a migrar. Mesmo assim, a força dessas mulheres ainda resiste para garantir a dignidade de suas famílias, que podem viver, não da maneira como desejam, mas lutando por uma vida melhor para os seus filhos.

## REFUGIADOS À DERIVA: A POPULAÇÃO LGBTTI

Além das mulheres sírias, existe a minoria LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais) que são perseguidas por atores estatais e não estatais, que muitas vezes não encontram apoio de suas famílias, e que portanto, buscam refúgio em sociedades menos conservadoras em relação as suas identidades de gênero, como solução. Como exemplo de ator não estatal, o Estado Islâmico (EI) é um grande perseguidor desta minoria e já demonstrou diversas atitudes violentas contra ela, como execuções ou apedrejamentos, o que gera um aumento no fluxo de refugiados desse grupo, principalmente de sírios e iraquianos.

Muitos Estados e sociedades ainda consideram que os homossexuais, transexuais e bissexuais em geral são vítimas de uma doença e acreditam que devem “curá-los” utilizando-se de métodos que, segundo eles, modificariam a sua orientação sexual, métodos abusivos e humilhantes que violam os direitos humanos. Acrescenta-se a isso as diferentes leis contra a união entre pessoas do mesmo sexo que trazem consequências graves para os que são perseguidos.

Em geral, as organizações e países ainda não estão bem informados ou envolvidos nas migrações baseadas em gênero, e o ACNUR tenta através de emissão de relatórios e documentos aumentar a consciência sobre esse problema. É importante que os Estados que recebam estes refugiados estejam preparados para atender às suas necessidades específicas para garantir a sua proteção.

A primeira reunião realizada pelo Conselho de Segurança da ONU sobre os direitos da comunidade LGBT foi feita em agosto

deste ano, na qual homossexuais de diferentes países da região descreveram as perseguições que sofreram por parte do EI. Um dos depoimentos foi de um iraquiano, Adnan, que declarou: “Na minha sociedade, ser gay equivale à morte. Quando o EI mata gays, a maioria das pessoas fica feliz por achar que somos maus. Minha própria família se voltou contra mim”<sup>10</sup>.

Os refugiados pertencentes à minoria LGBTTI sofrem com preconceitos e atos de violência, além disso, os próprios funcionários do governo muitas vezes não são treinados com técnicas de interrogatórios adequadas para tomar depoimentos importantes e acabam fazendo isto de maneira ameaçadora. O ACNUR, através de seus documentos<sup>11</sup>, indica que esse grupo sofre constantemente com violência sexual e com base em gênero, agressões e discriminação nas diferentes áreas – saúde, educação e trabalho. São indivíduos demasiado marginalizados na sociedade e muitos deles sentem vergonha de quem são e sofrem de homofobia internalizada. Os documentos informam, inclusive, que muitos evitam esclarecer o motivo real pelo qual estão pedindo a concessão do refúgio. Viver em países onde é essencial para a sobrevivência esconder a sua verdadeira orientação sexual ou identidade de gênero pode trazer para essas pessoas traumas psicológicos, o que deve ser levado em conta no tratamento desses refugiados.

A grande questão na concessão de refúgio por perseguição de identidade de gênero ou de orientação sexual é que ela é baseada na

10 BILENKY, Thais. Refugiados gays relatam na ONU perseguição de terroristas e da família. Folha de São Paulo. São Paulo, p. 1-2. 24 ago. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1672896-refugiados-gays-relatam-na-onu-perseguiçao-de-terroristas-e-da-familia.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

11 ACNUR. DIRETRIZES SOBRE PROTEÇÃO INTERNACIONAL N. 09: Solicitações de Refúgio baseadas na Orientação Sexual e/ou Identidade de Gênero no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ou Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados. 2012. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/BDL/2014/9748.pdf?view=1>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

credibilidade, ou seja, a decisão é tomada somente pela entrevista com a pessoa em questão e os pedidos de provas ou testes médicos configuram-se como violação dos direitos humanos. Caso os agentes não estejam treinados, o foco normalmente é no questionamento sobre as práticas sexuais do indivíduo, o que impede que sejam apuradas as percepções, sentimentos e experiências do solicitante de refúgio.

Por fim, não se deve esperar que a pessoa se autodenomine LGBTTI, pois ela pode carregar consigo um preconceito e uma rejeição a si própria, principalmente quando são originários de países menos tolerantes a suas identidades de gênero e orientação sexual. Além disso, no caso da identidade de gênero, um transexual não precisa necessariamente ter passado por algum tratamento médico ou mudança de sexo para identificar-se de forma diferente da sua aparência física e biológica, já que a identidade de gênero não se circunscreve apenas ao sexo biológico e aparência física da pessoa, mas sim se denota a partir de seu caráter psicológico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso, é a partir deste prospecto geral de situações que tentamos demonstrar a situação de refugiados através da ótica das questões de gênero. A questão de gênero no âmbito do refúgio deve ser refletida de maneira a gerar um debate que proponha medidas eficazes para atender esses grupos suscetíveis a muitos riscos e com consequências devastadoras aos afetados. Os países que recebem refugiados na maioria das vezes não estão preparados para atender as necessidades específicas destes grupos – como Líbano, Turquia, Jordânia, por exemplo – ocasionando situações de violência sexual e com base em gênero, discriminação e marginalização destes grupos nos países de passagem e destino, como foi demonstrado no corpo desta reportagem. A questão do refúgio possui caráter essencialmente humanitário, no entanto, milhares de mulheres e a população LGBTTI em incontáveis situações não gozam da totalidade dos direitos os quais lhes devem ser assegurados. Por exemplo, o Líbano – grande foco de refugiados – considera os “atos homossexuais” como ilegais em seu Código Penal, assim como na Síria.

Nesse sentido, deve-se compreender que discutir o refúgio sob a lente da questão de gênero é um debate com profundas raízes nos direitos humanos e que deve ter maior difusão principalmente entre a sociedade civil dos países receptores. Os refugiados, solicitantes de asilo e deslocados internos, mulheres e minorias, não escolheram esta realidade para si mesmos e suas famílias. Assim, todos – a sociedade civil e os tomadores de decisões – devem estar atentos à situação destas pessoas de maneira a diminuir o sofrimento delas que já é por demais grande.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. Deslocamento forçado nos últimos 25 anos (em milhões de pessoas). Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

ACNUR. DIRETRIZES SOBRE PROTEÇÃO INTERNACIONAL N. 09: Solicitações de Refúgio baseadas na Orientação Sexual e/ou Identidade de Gênero no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ou Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados. 2012. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/BDL/2014/9748.pdf?view=1>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

ACNUR. Discurso do Alto Comissário António Guterres ao Comitê Executivo do ACNUR: 59º Sessão do Comitê Executivo do Programa do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). 2008. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/Discursos/abertura\\_alto\\_59\\_excom.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/Discursos/abertura_alto_59_excom.pdf?view=1)>. Acesso em: 6 ago. 2008.

BILENKY, Thais. Refugiados gays relatam na ONU perseguição de terroristas e da família. Folha de São Paulo. São Paulo, p. 1-2. 24 ago. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1672896-refugiados-gays-relatam-na-onu-perseguiçao-de-terroristas-e-da-familia.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS DE PLENIPOTENCIÁRIOS SOBRE O ESTAT-

UTO DOS REFUGIADOS E APÁTRIDAS, 1951, Genebra. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Genebra: Série Tratados da ONU, 1951. 21 p. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados)>. Acesso em: 12 nov. 2015.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Fundação Nacional do Livro, 1901.

INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE. Women, Girls, Boys and men different needs – equal opportunities. 2006.

UNHCR. Survivors, Protectors, Providers: Refugee Women Speak Out. Luxembourg: Imprimerie Centrale S.A., 2011.

UNHCR. Woman Alone: The fight for survival by Syria's refugee women. Disponível em: <<http://www.refworld.org/pdfid/53be84aa4.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2014.